



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – CCS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**NATÁLIA LUIZA MATOS DE SOUSA**

**A EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE PALHAÇO E A INFLUENCIA NA RELAÇÃO DE  
CUIDADO**

**JOÃO PESSOA – PARAÍBA**

**2015**

NATÁLIA LUIZA MATOS DE SOUSA

A EXPERIÊNCIA DE TORNAR-SE PALHAÇO E A INFLUENCIA NA RELAÇÃO DE  
CUIDADO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Carmen Teresa Costa.

JOÃO PESSOA-PARAÍBA

2015

S725e      Sousa, Natália Luiza Matos de.

A experiência de tornar-se palhaço e a influência na relação de  
cuidado / Natália Luiza Matos de Sousa. - - João Pessoa: [s.n.], 2015.

53f.

Orientadora: Carmen Teresa Costa.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Cuidado - Saúde. 2. Palhaço – Experiência.

A Deus que me protege e me guia em todos os momentos de minha vida, me ofertando o dom da vida e que me proporciona um novo e mais uma oportunidade de fazer a diferença.

Aos meus pais, avós, irmãos e namorado que me acompanharam me dando apoio nas horas que mais precisei.

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus que sempre esteve presente em minha vida me dando suporte em todas as áreas da minha vida me permitindo a cada amanhecer continuar ou reconstruir minha história.

Aos meus amados pais (Geraldo e Iracema) por todo amor e dedicação sem o apoio e amor de vocês a concretização desse sonho talvez não fosse possível.

Meu irmão José Avelino que me mostra sempre a importância da família.

Minhas queridas avós (Natalia e M<sup>a</sup> Luiza), por sempre me incentivar a estudar;

(In memória dos meus tios(as) M<sup>a</sup> Fatima e Marçal Santana. Aos meus tios ,primos(as), sobrinhos(as), madrinhas (Gizelda e Sônia Maria), afilhadas (Maria Victória e Julia Agatha), aos amigos (Henrique Carvalho, Bruno Botelho, Natasha Oliveira, Cindy..)

Ao nosso quarteto As Coroas(Eliane Amorim, Vangeilka Lima, Sandra Duarte e EU)

Ao meu namorado (Delmer). Dedico a vocês essa pesquisa por compartilharem comigo alegrias, lágrimas, amor carinho e prazer.

A minha amiga Mileide que me ajudou e me apoio nessa fase do curso tão tensa e especial para todos nós nessa reta final.

Agradeço imensamente a minha amiga e orientadora Carmen que superando todos os medos e tropeços dessa caminhada, encarou com muito bom humor e alegria todas as fases desse trabalho e em nenhum momento me deixou só acolhendo minhas dúvidas e medos.

Agradeço a toda equipe de professores e técnicos do departamento de Terapia Ocupacional em especial a professora Andreza Polia, Marília Meyer e a Camila Aires.

Aos meus amigos da IBEV que oraram muito para que se concretizasse essa pesquisa.

Agradeço a Leo Salo por ter me acolhido e me mostrado um pouco do seu belíssimo trabalho.

A Cléo Lima por está sempre disponível e por compartilhar suas experiências.

A Ermínia Silvia por compartilhar sua rede de amigos conosco ampliando nosso horizonte sobre o ser palhaço.

Agradeço ao professor Aldenildo Costeira e a Janine Azevedo por compartilhar conosco seu interesse e conhecimento sobre a arte da palhaçaria.

“ Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei

Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs

É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente...”

(Letra da música Tocando em Frente)

Almir Sater

O cuidado surge quando a existência do outro passa a ter importância para mim, quando me dedico e estou disposto a participar dos inúmeros fatores de sua vida como sofrimentos e conquistas.

Leonardo Boff



## Sumário

RESUMO .....	10
ABSTRACT .....	11
1- INTRODUÇÃO .....	12
1.1- A DOCINHO DA NATÁLIA.....	13
2- OBJETIVOS.....	15
2.1- OBJETIVO GERAL .....	15
2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
3- REVISÃO DE LITERATURA .....	15
3.1- PRIMEIRO QUADRO- PALHAÇOS DO MUNDO .....	15
3.2- SEGUNDO QUADRO- O PALHAÇO E O CUIDADO NA TERAPIA OCUPACIONAL .....	18
3.3- TERCEIRO QUADRO- PREPARANDO-SE PARA O ESPETÁCULO/ METODOLOGIA .....	20
4- QUESTIONÁRIOS .....	22
5- QUARTO QUADRO- ANÁLISES DAS NARRATIVAS .....	22
5.1- PARTICIPANTE A.....	23
5.2- PARTICIPANTE B.....	26
5.3- PARTICIPANTE C .....	27
5.4- PARTICIPANTE D .....	29
6- MESA REDONDA .....	31
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
7-REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	36
ANEXO-A- QUESTIONARIOS RESPONDIDOS .....	39
APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO UTILIZADO COM OS PARTICIPANTES.....	50
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	51

## RESUMO

Este é um estudo sobre a experiência do Palhaço nas práticas de cuidado em saúde. Busca-se conhecer e compreender como essa experiência é vivenciada nas relações de cuidado com o outro e interfere na própria percepção que as pessoas têm de si e do cuidado e no ambiente. É uma investigação com 4 participantes que atuam como palhaço em instituições com práticas de cuidado em saúde. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, que privilegia a experiência como forma de produzir conhecimento e se auto produzir. As narrativas dos participantes foram orientadas por um questionário semi estruturado e enviadas via email, sendo que para análise das mesmas foi utilizado a metodologia de “Mesa Redonda”. Os participantes apresentam como motivação principal para tornarem-se Palhaços as experiências pessoais e profissionais que identificavam como insatisfatórias sobre o cuidado vigente nas instituições e na formação profissional. Também na busca da construção de práticas de cuidado humanizadas, através de uma comunicação não apenas voltada a doença, mas estimuladora da capacidade de saúde, alegria e vida. O palhaço mobiliza e evoca uma potência que é capaz de gerar mudança transformadora do conceito de saúde, dos profissionais e daqueles a quem eles cuidam.

**Palavras-chave:** cuidado; saúde; palhaço; experiência.

## **ABSTRACT**

This is a study on the experience of the Clown in health care practices. We seek to know and understand how this experience is felt in care relations with the other and how it interferes with the perceptions that people have of themselves, of the care practices and of the environment. This paper investigates the experience of 4 participants who work as Clowns in institutions that offer health care services. A qualitative methodology, which focuses on the experience as a way of producing knowledge and building oneself, was used. The narratives of the participants were guided by a semi-structured questionnaire sent via email and analyzed using the Roundtable Methodology. Participants indicated their personal and professional unsatisfactory experiences on the existing care institutions and vocational training as a primary motivation to become Clowns. Further, they aim to build more humanized care practices, through a communication focusing not on the disease but rather on stimulating health capacity, joy and life. The Clown mobilizes and evokes a power that is able to generate transformative changes in the health care concept, the health professionals and those for whom they care.

Key-words: care, health, Clown, experience

## 1- INTRODUÇÃO

O cuidado surge quando a existência do outro passa a ter importância para mim, quando me dedico e estou disposto a participar dos inúmeros fatores de sua vida como sofrimentos e conquistas (BOOF, 2005).

Merhy (1997, 2004) propõe que a atenção à saúde seja pensada não apenas a partir das tecnologias que promovem a cura, a prevenção e a promoção, mas compreendendo que o objeto do campo da saúde é o cuidado. É a partir do cuidado que alcançaremos o objetivo final da saúde que seja curar, promover ou prevenir a doença. (MERHY, 1997; MERHY, 2004; MERHY; FEUERWERKER, 2009, apud GONÇALVES, 2013 p.31).

A escolha nas relações de cuidado das tecnologias leves que são construídas no campo das relações, e produzidas no processo de encontro constituem em trabalho vivo em ato (MERHY, 2004).

Para essa pesquisa sobre as delicadas relações de cuidado no campo da saúde entre o *palhaço* com o outro, optamos pela perspectiva de pesquisa onde o pesquisador além de ser um sujeito epistêmico é também um sujeito implicado como proposto por Merhy (2007).

“Nós, pesquisadores na dobra do sujeito do epistêmico e implicado. Nós pesquisadores no entre do saber e fazer. A micropolítica do trabalho e cuidado em saúde se dá no espaço desse entre, fazer e saber nessa dobra. O trabalho vivo em ato, em saúde tem essa condição, o saber se institui a partir do encontro com o outro pois todos e qualquer trabalho em saúde se faz no encontro, com o usuário.” (MERHY, 2007).

Posicionamento também assumido por (GONÇALVES, 2013) quando se refere que toda produção é afetada e entrelaçada pelas experiências pela imbricada relação entre sujeito, horizonte/perspectiva e objeto, que estabelecem entre si uma unidade. Conclui a autora que assim, não existem teses gerais que possam nos ajudar a apreciar o conhecimento e os valores como certos ou errados, bons ou maus, mas existem pontos de vista, perspectivas diversas e contextualizadas de um mesmo objeto.

Assim, apresentamos essa pesquisa, fruto de uma parceria entre professora, aluna e muitos outros personagens que elegeram o Palhaço como forma de expressão de si e do cuidado e ou como objeto de estudo. Queremos agradecer a toda essa trupe e registrar nossa gratidão especial a Hermínia Silva, que teve um papel de mestre de cerimonia inicial. Incluímos na introdução a apresentação e implicação da palhaça/pesquisadora.

### **1.1- A DOCINHO DA NATÁLIA**

A educação popular tem grande influência na minha formação acadêmica, ela representa a luta diária por um mundo igualitário onde todos devem ter acesso aos seus direitos e deveres construindo assim uma sociedade que possibilita autonomia e expressividade para todos.

Ingressei Projeto de Extensão Popular e Atenção à Saúde da Família (PEPASF), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado pelo professor Eymard Mourão Vasconcelos. No PEPASF no 2º período de Terapia Ocupacional iniciei a pratica de extensão. Tínhamos uma grande articulação dentro da comunidade junto à associação de moradores onde desenvolvíamos um trabalho de conscientização acerca de seus direitos dentro da sociedade no âmbito da saúde, educação e social no período de 2011 a 2012.

Durante o V Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, na cidade do Rio de Janeiro, conheci e me encantei com o Projeto de Extensão PalhaSUS. Na UFPB fiz a III Oficina do Riso coordenada pelo professor do Centro de Ciências Médicas, Aldenildo Costeira em 2012 e desde então participo do projeto. A Oficina do Riso me proporcionou conhecer o universo do palhaço cuidador onde utilizamos a figura do palhaço com a proposta de humanização permitindo construir vínculos fortes com os pacientes e profissionais.

O interessante é que eu sempre tive muito medo da figura do palhaço e por algum motivo me interessei e ingressei em um projeto, onde o palhaço tem como papel fundamental o cuidar do outro. Durante a oficina eu me encontrei com a minha palhacinha, batizada como o nome de Docinho.

Com ela, a Docinho, revelam-se em mim novas maneiras de ser, de rir e de se relacionar e até formas de ver o mundo que dificilmente expresso sem a personagem. Aprendo com ela a ser uma pessoa cada vez mais sensível, percebo-me mais espontânea e livre para expressar-me de forma, carinhosa e lúdica o cuidado com o outro. A cada encontro atuando como palhaça e em especial aos sábados, pois nesse dia vou ao Hospital Psiquiátrico, eu me reencontro com minha criança interna e vejo que além de dar boas risadas entendo que ser palhaço não é apenas rir sem motivos. É sim, interagir com o outro o escutando, conversando e aprendendo a ver o mundo com outros olhos.

Essa forma de encontro como produção de cuidado, em que se acolhe, escuta e interage com o outro, expressa pelo palhaço cuidador pode ser classificada como tecnologia leve (Merhy 2002).

Através das relações/interações acolhemos pessoas e com elas acolhemos seus sonhos e pesadelos. A minha experiência como palhaça Docinho tem sido um divisor de águas na minha forma de relacionar. Sou tímida e por muitas vezes esse jeito de ser me atrapalhou no contato com as pessoas. Quando estou no hospital onde as pessoas vivenciam dificuldades de comunicação, a espontaneidade da Docinho facilita e media o contato com os internos, fazendo com que o encontro flua, Merhy ( 2002) descreve o cuidado como um acontecimento do encontro.

Aprendo como o papel do palhaço é transformador me tornando uma pessoa mais sensível, espontânea e livre para expressar-me de forma, carinhosa e lúdica quando o assunto é o cuidado com o outro.

O desejo de aprofundar o conhecimento que permite compreender como o encontro dessas duas experiências do tornar-se palhaço e o impacto disso nas relações de cuidado é o que motiva a pesquisar e escrever sobre essas experiências a partir do relato de outros palhaços em práticas de cuidado e o meu próprio.

## **2- OBJETIVOS**

### **2.1- OBJETIVO GERAL**

- Compreender como a experiência do papel do palhaço vivenciado nas relações de cuidado com o outro interfere na própria percepção que as pessoas têm de si e do cuidado.

### **2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer experiências e contribuições do papel do palhaço nas ações de cuidado;
- Identificar as contribuições do palhaço no âmbito da saúde, na perspectiva da participação social, comunicação e autonomia;
- Relatar as experiências compartilhadas.

## **3- REVISÃO DE LITERATURA**

### **3.1- PRIMEIRO QUADRO- PALHAÇOS DO MUNDO**

Quem é essa figura cômica, presente na trajetória cultural da humanidade, que contesta e questiona a ordem social estabelecida e é considerada uma peça importante da cultura e de nós mesmos?

Castro e Matraca identificam a universalidade da figura do palhaço relatando a presença deles nas mais diferentes culturas e épocas.

O palhaço está presente em todas as culturas, e a mais antiga expressão do personagem é a que se faz presente nos rituais sagrados. Desde o início dos tempos, o riso foi e ainda é utilizado como elemento ritual para espantar o medo, especialmente o medo da morte (CASTRO, 2005, pág., 22)

“Na sua longa tradição os trabalhadores da milenar arte da palhaçaria são conhecidos em diversos grupos sociais do planeta, tais como Hotxuá (índios Khahô/ Brasil), Vidusaka (Índia), Bufão (Itália), Danga (Egito) dentre tantos

nomes e projeções personificados ao longo da sua construção histórica. No ocidente este profissional é conhecido também como “clown” (palavra inglesa que quer dizer rustico, rude, torpe, quem com artificiosa torpeza faz o publico rir. (MATRACA,2009 p.4133).”

Os palhaços estão em todos os lugares e denunciam os mandos e desmandos de qualquer regime e comportamentos autoritários transpassando o humor estando presente em diferentes culturas e tempos na história das civilizações, assumindo diferentes denominações. Para esse trabalho, frente às diferentes nomenclaturas encontradas optamos por utilizar o nome *palhaço*, por ser o mais presente e popular na cultura brasileira.

“Palhaço vem do italiano paglia (palha), material usado no revestimento de colchões e sua indumentária era de tecido listrado grosso, afogado com palha nas partes mais salientes do corpo o tornando um verdadeiro colchão ambulante. (MATRACA,2009 p.4133).”

Castro (2005) nos apresenta uma sequência de referências históricas da presença do palhaço, em diversos lugares e épocas. Nas cortes egípcias o palhaço era responsável pelo equilíbrio entre a diversão e a verdade. Sua liberdade para dizer as verdades estava ligada as suas características físicas; eles eram corcundas ou anões, o que os colocavam em posição corporal de inferioridade sendo ignoradas suas piadas muitas vezes por não serem enxergadas como um desrespeito.

Na China identifica-se o mais antigo personagem cômico ainda em atividade: o Macaco da ópera chinesa, que exerce um papel de mediador através das suas trapalhadas corrigindo quem faz o mal e premiando as boas intenções.

Na Índia, encontramos as mais antigas duplas de cômicos a combinação de um malandro sagaz Vita com o estúpido idiota Viduska. Esse tipo de dupla ainda hoje é uma das junções de comédia mais felizes.

A Grécia herdou de outras culturas a figura dos *gelotopoioi*; os que fazem rir eram divididos em os que trabalhavam em espetáculos públicos e os que frequentavam a mesa dos ricos e os symposiuns dos filósofos.

Em Roma encontramos uma cultura que supervalorizava a beleza e a força física, os palhaços anões elaboravam boas respostas usando de sua inteligência



que possibilitava a eles a ascensão social e a sobrevivência já que eram desprezados por sua aparência.

Também a tribo indígena *krahô*, que vive em Tocantins e tem a alegria como o elemento base, tem a sua figura do palhaço, o *Hotxua*, que exerce o papel de sacerdote do riso da tribo. Foi realizado um documentário em longa-metragem sobre essa tribo, chamado “*Hotxuá*” do projeto Kapey União das Aldeias Krahô, dirigido por Sabatella e Cardia em 2009.

O documentário apresenta a tribo indígena Krahô, como um povo sorridente que designa um sacerdote do riso, o *Hotxuá*, para fortalecer e unir o grupo por meio da alegria e do abraço. Através de depoimentos, os índios, em sua língua nativa e em português relatam seu estilo de vida e crenças, apresenta-nos uma sociedade feliz cuja concepção de mundo é o equilíbrio entre forças opostas e o respeito à diversidade.

Índia, China, Grécia, Roma e até os Krahô tem o seu Palhaço. Independente da época ou da cultura a figura do Palhaço pode ser encontrada sendo amada, admirada ou temida e identificada no riso e no exagero, nas roupas, sapatos, maquiagem, nariz e cabelos que estão livres de modelos conservadores.

O Palhaço assume a dor, a ternura e o ridículo, integrando estes opostos. Exibe-se em sua tolice e estupidez, põe a mão no fogo e dá a cara à tapa. E não conta uma história engraçada, ele próprio é a graça, o risível. Quem é esse ser tão diferente e único em suas roupas e cores que se entrega ao improviso, se joga no desconhecido, personificando o criativo, o insólito, o não usual, a não norma, pergunta RAMALHO, 2009.

Ele representa uma energia viva, com a sinceridade de perceber ser limitado, de assumir a sua dor e de ser capaz de rir dela, com o objetivo de transgredi-la. Sutilmente nos oferta novas possibilidades para aquilo que se encontra enrijecido em nós e no social, com seu passaporte para brincar e reverter padrões ele personifica a espontaneidade, é o porteiro da alegria conclui RAMALHO, 2009 em suas indagações e respostas acerca de quem é o palhaço e seu arquétipo.

Os arquétipos concebidos por Carl Jung e apresentados aqui de forma muito simplificada são configurações universais presentes nas lendas nos mitos e nas

maneiras de ser predominantes de uma dada cultura. São fundamentais para nosso psiquismo e o seu conhecimento e compreensão nos possibilita tornarmos mais conscientes de nossas potências e fragilidades ao assumirmos a caminhada na vida em busca do que queremos e podemos ser no processo de individuação.

Os arquétipos funcionam como guias vitais para nossos processos de transformação pessoal e social, é a base com as quais interpretamos e reagimos aos acontecimentos existenciais e nos relacionamos conosco, com os outros e com o ambiente incluindo processos intelectuais, sentimentos e emoções, imaginação e incitam a ação, seja em seus aspectos luminosos e de sombra. A vida pode ser expressa pela metáfora de uma jornada, Lakoff and Turner (1989) e os caminhos escolhidos para percorrê-la podem ser direcionados pelos arquétipos relacionados ao Poder, ao Conhecimento e ao Amor, Conde (2000).

O nosso Palhaço, entendido como o arquétipo do BUFÃO, representa a etapa mais evoluída do caminho do Amor. Ele nos convida a expressar a multiplicidade dos nossos diferentes jeitos de ser conosco e no mundo. Ensina-nos a ser alegres e espontâneos, atualiza a alegria, a liberdade e a liberação em cada momento.

Enfim, defende com liberdade e humor nosso direito e dos demais a felicidade e prazer, tornando-nos conscientes dos movimentos do ego que pode nos transformar em vítimas sofredoras ou em tiranos. Mas, não podemos esquecer que os arquétipos são apenas mapas e não o território nos relembra CONDE, 2000.

### **3.2- SEGUNDO QUADRO- O PALHAÇO E O CUIDADO NA TERAPIA OCUPACIONAL**

O envolvimento do papel do palhaço no âmbito da saúde é crescente e as atuações em hospitais, instituições, asilos e abrigos é algo real. Destacamos abaixo alguns grupos que trabalham com a palhaçaria nas práticas do cuidado:

- ✓ A ONG Doutores da Alegria atuam em hospitais desde 1991 visitando crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais de saúde. Usando a paródia do palhaço que brinca de ser médico tendo como referência a

alegria e o lado saudável das crianças e colaborando para a transformação do ambiente.

- ✓ O Projeto de Extensão PalhaSUS caracteriza-se pelo foco na humanização, considerando que no processo de cuidado em saúde é necessária a interação humana. Os palhaços cuidadores que unem o saber acadêmico com a arte do palhaço todos os participantes são estudantes em sua maioria da área da saúde. Vivem uma constante busca pela melhoria da qualidade dos serviços de saúde, já que entendem como limitadas as interações realizadas pelo trabalho técnico, no modelo biomédico, quando se perde a perspectiva dos sujeitos envolvidos.
- ✓ O Experimentalismo Brabo que é um coletivo de provocação artística. Suas ações promovem a reflexão sobre solidariedade e cultura da paz. Com o imenso desafio provocar condições de redescoberta formando seres pensantes, politizados, implicados e com a capacidade de escuta e voz amplificada, usando a arte com caminho de expressão e reflexão.

A Terapia Ocupacional tem como seu objeto de estudo e abordagem as ocupações humanas e sua complexa relação com os processos de saúde e doença, sejam de indivíduos, grupos e comunidades. No curso de terapia ocupacional da UFPB adota-se em seu projeto pedagógico como um dos referenciais o documento: “estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio e processo” (AOTA, 2010) cujas áreas de ocupação são (atividades de vida diária (AVD) \* atividades instrumentais de vida diária (AIVD) descanso e dormir, educação, trabalho, brincar, lazer, participação social) em seus papéis e função.

O papel e a função do palhaço cuidador se relaciona de várias maneiras com esta classificação, pode ser trabalho para alguns, brincar e lazer em momentos específicos para outros e na nossa percepção sua maior inserção se dá quando a experiência do papel do palhaço vivenciado nas relações de cuidado com o outro, interfere na comunicação, autonomia e participação social de maneira lúdica priorizando as tecnologias leves e alteridade no cuidado de si e do outro.

Há certa preocupação dos terapeutas ocupacional compartilhada e instituída em relação à capacidade de trabalho, à produtividade, o desempenho e habilidades em diversas áreas da ocupação humana como foco de nossa intervenção. Entretanto ressaltamos a importância do rir, do prazer e da festa para o equilíbrio de todas essas demandas.

Propor como objeto de estudo a figura do palhaço é criar a oportunidade de: “contar a história desse personagem fascinante, ajudar os futuros palhaços a compreenderem melhor as imensas possibilidades do seu papel social. Pode se constituir em um desafio as tendências de massiva produtividade em todas as esferas, inclusive intelectual. Assim, que cada um se sinta à vontade para realizar suas escolhas. Que riso provocar? Rir do quê? Com quem?... Compreendendo melhor o que é um palhaço poderemos escolher, com mais consciência, o palhaço que queremos ver e talvez aquele que queremos ser” CASTRO (2005).

### **3.3- TERCEIRO QUADRO- PREPARANDO-SE PARA O ESPETÁCULO/ METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório qualitativo onde serão convidados para a pesquisa 04 participantes que exerçam o papel de palhaço, em praticas de cuidado em diferentes regiões do país. Propõe-se a investigar através de questionário semiestruturado como os participantes relatam a experiência do palhaço vivenciado por eles nas relações de cuidado com o outro e como interfere na própria percepção que as participantes têm de si e do cuidado.

Com a compreensão do conceito de experiência, palavra cuja origem vem do latim *experiri*, provar (experimentar) como lugar de um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova e esteja aberta a sua própria transformação como proposto por BONDÍA (2002).

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21)”.

Difere a experiência do “experimento”, método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Podemos ainda ressaltar outras diferenças; se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. A experiência também produz conhecimento, um saber da experiência, que se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, exercendo uma espécie de mediação entre ambos.

Assim, adotar metodologicamente o conceito de experiência BONDÍA (2002) para esse projeto, significa que assumimos a escolha de um referencial que pode não ser um caminho para se alcançar um objetivo previsto, ou metas definidas a priori, mas que avaliamos como adequado para esse estudo por nos convocar a uma posição metodológica que seja uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. Em relação aos relatos e narrativas dos sujeitos envolvidos em suas percepções e as formas de cuidado que operam, esse conceito de experiência nos dará acesso ao conhecimento construído pelos mesmos.

Para análise das narrativas foi escolhido um modelo utilizado por (GONÇALVES, 2013, pág.26) que a própria nomeou de “Mesa Redonda”, proposta que funciona como se na análise das narrativas, ouvíssemos o ponto de vista de nossos interlocutores e estabelecêssemos, a partir daí, um diálogo onde o ponto de vista dos interlocutores forma um dialogo em torno das questões norteadoras da pesquisa, colocando-se a pesquisadora na posição de moderadora inicialmente e depois assume como debatedora conduzindo as exposições e ponderando sobre os diversos pontos de vista, sempre guiada pelos analisadores que emergirem dos falantes.

Os profissionais serão convidados a participar da pesquisa, existindo o interesse na participação, o termo de consentimento livre e esclarecido deverá ser assinado, para que posteriormente possa receber o questionário semiestruturada para o autopreenchimento.

A coleta dos relatos será realizada por meio do correio eletrônico (e-mail) onde será enviado um questionário semiestruturada, em que cada entrevistado irá responder o questionário e enviará em formato PDF para a pesquisadora. A seleção

dos sujeitos da pesquisa será feita a partir do interesse do profissional pelo trabalho a ser desenvolvido e o mesmo será contatado por meio do e-mail. O questionário será enviado e deverá ser respondido pelos entrevistados. A coleta de dados terá início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da UFPB.

A coleta das narrativas será norteada por um questionário semiestruturado onde o entrevistado poderá descrever suas experiências.

#### **4- QUESTIONÁRIOS**

O questionário que norteia as narrativas, assim como a integra do projeto, foi aprovado pelo Comitê Ética- Parecer 914.979 de 19/11/2014, CAAE: 38200314.2.0000.5188. Aos participantes que convidados concordaram em participar da pesquisa, foi encaminhado por e-mail o questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme modelo aprovado pelo Comitê de Ética. Os participantes dessa pesquisa desenvolvem como palhaços, ações de cuidados no campo da saúde, social e educação em diversos cenários.

Dos questionários respondidos via correio eletrônico, foram definidos os pontos centrais abordados, os quais se denominam descritores e se relacionam com as narrativas construídas e norteadas a partir das quatro questões propostas:

- Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?
- Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?
- Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?
- Com sua experiência na palhaçaria como você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?

#### **5- QUARTO QUADRO- ANÁLISES DAS NARRATIVAS**

*Os artistas convidados e seus casos (relatos de experiências)*

- ✓ Participante A – Palhaça Dr<sup>a</sup> Borboleta
- ✓ Participante B – Palhaço da Lapa
- ✓ Participante C-- Dunga
- ✓ Participante D—Bixiguento

Inicialmente faremos a apresentação de nossos Palhaços participantes desse estudo:

Participante A, 42 anos, sexo feminino, residente na cidade de Barueri-SP atua como palhaça há 10 anos. É Pedagoga em saúde exerce a função de coordenação de Equidade e Intersectorialidade em saúde na Superintendência de Promoção da Saúde em uma Secretaria Municipal de Saúde da região Sudeste do Brasil.

Participante B, 34 anos, sexo masculino, residente na Cidade de Niterói- RJ atua com palhaço há 04 anos. Mestre em Ciências, com ênfase em Informação e Comunicação em Saúde e Palhaço. Possui 6 anos de experiência com palhaçaria para a terceira idade. Atuou em diversas unidades da Fundação Oswaldo Cruz, onde lecionou, e coordenou cursos e projetos para territórios favelizados.

Participante C, 23 anos, sexo masculino residente na cidade de Patos-PB atua como palhaço há 3 anos, estudante de fisioterapia na UFPB.

Participante D, 26 anos, sexo masculino, residente na Cidade de João Pessoa-PB atua como palhaço há 1 ano e 6 meses. Fisioterapeuta graduado na UFPB atualmente é um dos coordenadores do Projeto PINAB.

Seguem, as narrativas dos questionários, a partir das perguntas que tomamos como descritores.

## **5.1- PARTICIPANTE A**

A participante A sensibilizada com o que vivenciou com a internação do seu filho realiza visitas em hospitais e comunidades e favelas.

*1º Descritor-Tempo de palhaçaria-*

A participante atua como palhaço há 10 anos visitando crianças em hospitais e comunidades.

## *2º- Descritor Interesse pela palhaçaria*

O interesse pela palhaçaria surgiu como usuária de um serviço de saúde, ao acompanhar seu filho em uma internação de 45 dias começou a sentir a necessidade de mudar aquele ambiente hostil. Ela acredita que a atuação como palhaça permitiu construir um ambiente saudável desconstruindo a ideia do hospital como um “cubo de gelo” permitindo que o ato de cuidar ultrapasse os cuidados meramente hospitalares. A experiência desse período mobilizou-a a propor e desenvolver ações junto às crianças hospitalizadas. Na criação de uma brinquedoteca é que se deu seu encontro, “mágico” com sua palhaça (inserir vírgula) vivência que lhe trouxe outra esfera de conhecimentos e relação ao cuidado.

“Aquela situação me provocava a pensar em possibilidades de fazer algo para quebrar aquele cubo de gelo, trazer cor, alegria para aquele e outros lugares onde se exija “Paciência”. Depois que meu filho teve alta, passei a fazer visitas esporádicas no hospital, contando histórias, brincando com os internos e aos poucos descobrindo um lado cômico, palhaça que estava em algum lugar em mim adormecido. (PARTICIPANTE A)”

## *3º Descritor: Mudanças com a experiência como palhaço*

A acredita que sua experiência provoca e a faz pensar e refletir suas práticas cotidianas como profissional de saúde e como gente. Para se ter uma saúde humanizada precisamos nos dispor ao exercício de acolher, olhar e escutar o outro em suas singularidades.

Quando digo uma saúde humanizada me remeto à importância de ter um olhar desfragmentado, como se tivesse uma lupa nos olhos, e um megafone nos ouvidos. Aprendi como palhaça a exercitar o ouvido para a escuta e a olhar o que não está à mostra, mas entre linhas. (PARTICIPANTE A)

## *4º Descritor A comunicação do palhaço no ambiente da saúde*

A. compreende quanto à comunicação do Palhaço ultrapassa os limites e regras tirando o paciente por alguns instantes da situação de doente para o de participante seja através da subjetividade de simples gestos ou pelo ato da escuta.



“Compreendo como irreverente aquele que ultrapassa os limites das regras postas, ditas, a quebra de protocolos, da dor, aquele que provoca ou tira um paciente do estado de doença para um estado de humano. (PARTICIPANTE A)”

O palhaço consegue ter com o paciente uma comunicação livre dos processos de médicos e de cuidados hospitalares, criando um ambiente que investe e contempla a saúde a vida.

“O palhaço alcança um lugar onde o processo de medicalização e comunicação de alguns profissionais de saúde não alcançam .O palhaço trás ao ambiente da saúde cores, graça e posso afirmar que até mesmo prazer.(PARTICIPANTE A)”

Para A. é importante que o palhaço que se apresenta em hospitais tenham uma formação que permita uma compreensão sobre o ambiente, mantendo um bom relacionamento com a equipe clínica.

“O palhaço no ambiente hospitalar não se apresenta de qualquer maneira, se faz necessário esclarecer que exige muita dedicação, cursos que aprimorem a compreensão desse ambiente, como também o entrosamento com a equipe clínica. No meu caso aprendi a linguagem clínica e por vezes era ouvida por toda equipe clínica, principalmente os médicos. (PARTICIPANTE A)”

*5º Descritor: Como entendo a contribuição do palhaço nos lugares de atuação.*

A. acredita que são simples contribuições, porém suscitam nos pacientes sentimentos como: desejos, vontades e necessidades de brincar, rir e dar continuidade na sua vida cotidiana.

“As pessoas não vão deixar de ser gente por que estão num ambiente hospitalar. Estão doentes, não é a doença! Quando a palhaça chega acontece uma espécie de magia, de transformação, de curiosidade. Provocar um paciente em estado de convalescência a rir, interagir, brincar é uma arte. Arte essa que deve ser mais pesquisada por sua relevância no ato de cuidar. (PARTICIPANTE A)”

## 5.2- PARTICIPANTE B

O entrevistado 2 realiza visitas regulares a um abrigo para idosos onde fazia serestas e arrecadava doações na tentativa de amenizar a angústia daquele lugar, mas B. ainda sentia que faltava algo para “tocar” os idosos de forma mais efetiva.

### *1º Descritor-Tempo de palhaçaria*

B. utiliza o palhaço em suas intervenções no asilo há 4 anos desde que iniciou seus estudos nessa arte.

### *2º Descritor- Interesse pela palhaçaria*

Segundo B. o seu interesse surge quando ele identifica que a relação do palhaço com idoso consegue suprir uma necessidade dele referente à interação que ele tinha com os idosos do abrigo, despertando sua inclusão na palhaçaria.

“Quando eu vi a interação dos idosos com os jovens vestidos de palhaço, eu disse pra mim mesmo: “é nesse ponto que eu sempre quis chegar”. Desde então, passei a estudar a arte da palhaçaria, me juntei ao grupo.  
(PARTICIPANTE B)”

### *3º Descritor- Mudanças com a experiência como palhaço*

B. organiza atividades e visitas com o foco na cultura em instituição de longa permanência e favelas e ele entende que com o palhaço o contato com os idosos é livre de conceitos.

“Organizo visitas e atividades culturais em instituição de longa permanência para idosos e em favelas. Com relação aos idosos mais debilitados, para mim é mais fácil interagir como palhaço do que sem a máscara. (PARTICIPANTE B)”

### *4º Descritor: A comunicação do palhaço no ambiente da saúde*

A comunicação do palhaço se dá muitas vezes através da brincadeira e do bom humor e em algumas boas vezes apenas com o olhar é criado um vínculo com o outro de forma instantânea.

“A brincadeira, o bom humor, a escuta e a subversão trazem perspectivas que não são habitualmente presentes quando se fala em instituições de saúde. O palhaço permite entrar nesse universo, oferecendo infinitas possibilidades. (PARTICIPANTE B)”

O entrevistado situa a palhaçaria como forma de promoção em saúde. Dessa forma, ele faz a distinção do grupo dos profissionais de saúde que tem na palhaçaria uma ferramenta para o cuidado com o grupo de artistas que visitam as instituições de saúde.

“Num viés de promoção da saúde, como o famoso médico Patch Adams. Muitos enfermeiros, psicólogos e outros profissionais também fazem este trabalho hoje em dia. É diferente dos grupos de palhaços visitantes, que são artistas que realizam visitas/intervenções em instituições de saúde, como os Doutores da Alegria. Cada tipo de trabalho irá exigir uma palhaçaria diferente, com uma proposta diferente de atuação. (PARTICIPANTE B)”

*5º Descritor: Como entendo a contribuição do palhaço nos lugares de atuação.*

O trabalho com os idosos, na contribuição do palhaço no asilo tem como foco principal a valorização a memória do idoso, sendo isso a grande diferença desse grupo dos demais grupos de palhaços. A intenção do palhaço do asilo não é provocar apenas o riso.

“O palhaço deve provocar o idoso a repensar sua condição asilar, e o primeiro passo para fazer isso é tratá-lo como um ser único e expressivo. Valorizar sua memória e identidade e brincar com isso de maneira singular com cada idoso. Esta é a diferença do palhaço para um programa de televisão, ou mesmo para alguma pessoa “engraçada”, que faça o idoso rir por alguns instantes. O palhaço não está no asilo para fazer os idosos sorrirem, as possibilidades vão pra muito além do riso. (PARTICIPANTE B)”

### **5.3- PARTICIPANTE C**

Ao se deparar com a falta de humanização dos profissionais da saúde, e durante sua própria formação acadêmica C. sente a necessidade de mudar essa realidade, participando do PalhaSUS onde ele conseguiu enxergar de forma holística o outro e além de tudo respeitar o querer do outro.

### *1º Descritor-Tempo de palhaçaria*

C. atua há 03 anos como palhaço cuidador.

### *2º Descritor- Interesse pela palhaçaria-*

Surgiu quando C. se deparou com a falta de humanização nos processos de formação e cuidado dos profissionais de saúde o deixando aflito com essa realidade.

“Ao me deparar com a falta de humanização dos próprios profissionais da saúde, sejam médicos, enfermeiros, odontólogos, fisioterapeutas, entre outros profissionais, fiquei extremamente preocupado. (PARTICIPANTE C)”

Com a palhaçaria C. encontrou uma maneira de suprir seu desejo por uma saúde mais humanizada de forma que essa pratica modificou intensamente a prática dele como futuro profissional de saúde.

“Simplesmente encontrei uma segunda via de um processo de formação, que durante toda permanência, de nós acadêmicos, dentro da instituição, estudamos maciçamente os processos patológicos, sem se importar com o paciente de maneira geral. (PARTICIPANTE C)”

### *3º Descritor- Mudanças com a experiência como palhaço*

C. acredita que o palhaço o tornou um profissional mais sensível ao querer do outro identificando outras áreas no paciente como o emocional, social, o econômico.

“Me fez um profissional mais sensível ao querer do outro. Há tratar não só o patológico, mas também o emocional; o social. Vejo todos como um ser que está fragilizado, que possuem uma condição socioeconômica, está inserido em uma sociedade que o desfavorece, entre outras condições. (ENTREVISTADO 3)”

### *4º Descritor: A comunicação do palhaço no ambiente da saúde*

A comunicação do palhaço é algo contagiante e capaz de retardar o processo de adoecimento que é iniciado dentro do ambiente hospitalar. Sendo alterados por sensações básicas como o toque os sons entre outros.

“O lúdico, a divertida influência no retardo de um processo que pode e será acelerado pelo ambiente onde o indivíduo está exposta. O ambiente muda. Os sons mudam. Nem que seja por uma fração de tempo. Isso não só são sensações e vivências minhas, mas relatos de muitos. O palhaço faz um paciente esquecer que é paciente. (PARTICIPANTE C)”

*5º Descritor: Como entendo a contribuição do palhaço nos lugares de atuação.*

C. acredita que existem melhoras clínicas nos pacientes que têm acesso ao palhaço cuidador.

“Contribui para a melhora do quadro clínico o desenvolvimento de vínculos perdidos o deixar ser importante para o outro, o se permitir fazer o outro feliz, o alívio para os profissionais e pacientes de toda pressão, que o ambiente emana. (PARTICIPANTE C)”

#### **5.4- PARTICIPANTE D**

O narrador 4 se identifica a palhaçaria quando sente insuficiente/ insatisfatório às técnicas duras que aprendeu no desenvolvimento profissional. Conhecendo atores e atrizes que usavam uma linguagem cênica completamente irreverente para um trabalho sério como o ato de cuidar, fazendo-o concluir que era isto que faltava em suas práticas, dinamizando seu trabalho juntamente com as ideologias da educação popular.

*1º Descritor-Tempo de palhaçaria*

B. atuar como palhaço cuidador há um ano e meio em grupos comunitários e de convivência do projeto que coordena onde tem como vertente a educação popular.

*2º Descritor- Interesse pela palhaçaria*

Para B., o interesse pela palhaçaria surge quando ele começa a se identificar quando ele observa durante 2 anos esse trabalho de perto, concluindo que era isso que faltava nele.

“Surgir a partir do momento que identifiquei ser insuficiente ou insatisfatório, não sei dizer, as técnicas duras que aprendi durante meu desenvolvimento profissional para lidar com os mais diversos aspectos do serviço público. (PARTICIPANTE D)”

### *3º Descritor- Mudanças com a experiência como palhaço*

B. entende que existe uma simbiose entre o homem e o palhaço e por vezes é confuso identificar que tipo de linguagem deve-se utilizar em diferentes situações. Em momentos, encontramos pacientes e pintamos e bordamos com ele em outro estamos sem a representação do palhaço e aí vem a duvidar como devemos nos comportar diante desse fato. O narrador defende que não podemos ter condutas diferentes acredita que não tem como defender a humanização apenas quando estamos encarnados com o palhaço deixando tudo que apreendemos em casa quando estamos trabalhando. Para ele para ele, é neste momento que o personagem possui ainda mais relevância.

“É engraçado que as vezes se torna confuso identificar que linguagem se utiliza em determinada situação, você encontra um paciente que no dia anterior o palhaço pintou e bordou, porém hoje você está de jaleco, de branco, descolorido. E aí? Sua conduta muda meramente pela casca que você veste? Acho que não. O palhaço se torna coisa séria a partir do momento que passa pela simbiose com seu homem real, então não dá pra brincar de ser humanizado na enfermaria hoje, mas deixar sua humanidade em casa no plantão amanhã. Ao mesmo tempo, ele torna o trabalho sério uma arte. (PARTICIPANTE D)”

### *4º Descritor: A comunicação do palhaço no ambiente da saúde*

A comunicação do palhaço em um ambiente onde se promove o cuidado é algo opcional em muitos lugares, mas intervém de forma significativa na rotina de serviços no ambiente confiando a missão de transformar aquela rotina.

“Num ambiente onde tudo é obrigatório, o palhaço é opcional, a partir deste momento se percebe que o palhaço está fora da rotina do serviço e o serviço confia em sua competência para dar trânsito livre àquele ser em seus corredores. (PARTICIPANTE D)”.

*5º Descritor: Como entendo a contribuição do palhaço nos lugares de atuação.*

O palhaço tem grande influência por onde ele passa sendo favorecido pelo poder da verdade por trás da carinha pintada de bobo falando suas verdades sem ofender afinal é apenas um palhaço.

O lado crítico do palhaço. O palhaço diante do código citado no item anterior tem a capacidade única de dizer uma verdade na sua cara e tudo bem, ele é só um palhaço, ele é bobo, por que eu vou ficar chateado? (PARTICIPANTE D)

O lado cômico do palhaço inserido em situações cotidianas torna proveitosas as participações do público já que em cada gargalhada refletimos.

“Quanta reflexão fica por trás da impressão de bobagem e da quantidade de gargalhada que foi dada? Bem, estas participações têm sido bem proveitosas em minha atuação como palhaço e é o que eu gostaria de trazer neste item: Trazer de forma cômica a verdade não dita. (PARTICIPANTE D)”.

## **6- MESA REDONDA**

Talvez inspirada na mitológica mesa do Rei Arthur, a Távola Redonda, que por não ter quinas permitia a todos os cavaleiros que se assentassem, desfrutassem da mesma posição de valor que surge na metodologia para eventos científicos a modalidade de mesa redonda. É uma reunião científica preparada e conduzida por um moderador ou debatedor, que orienta a discussão, para que se atenda ao tema proposto e os participantes possam comunicar seu ponto de vista sobre assunto previamente acordado. Assim, como proposto na metodologia de Gonçalves (2014) sobre a mesa redonda, reservamos um espaço para que possamos dialogar com nossas fontes que falam da experiência pessoal e profissional. Falam de como enxergam e como compreendem a existência humana, a vida, o cuidado em saúde, o riso, o sistema e o profissional de saúde em sua formação e como atuam sobre o mundo revestido e ou orientados pela experiência de ser/estar (?) palhaço.

A análise do que motivou o interesse pela palhaçaria dos 4 entrevistados nos mostra que ele está vinculado às questões do cuidado, seja pela insatisfação

quando a forma do cuidado recebida, exercida e quando a formação do profissional, para as práticas de cuidado, seja pela angústia vivida pela entrevistada A, ao acompanhar o filho criança hospitalizado o que a provocava a pensar “em possibilidades de fazer algo para quebrar aquele cubo de gelo, trazer cor, alegria para aquele e outros lugares onde se exija “Paciência”. Seja pela descoberta do entrevistado B ao perceber a interação dos idosos com os jovens vestidos de palhaço, que o leva a dizer para si mesmo: “é nesse ponto que eu sempre quis chegar”, seja pela busca semelhante que empreendem os entrevistados 3 e 4 frente a insatisfação e uma certa aflição em estudar maciçamente os processos patológicos, sem se importar com o paciente de maneira geral, e as tecnologias duras apreendidas durante a sua formação e “que encontra na palhaçaria uma segunda via”, (PARTICIPANTE C) para a falta de humanização no processo de cuidado em saúde (PARTICIPANTE D).

Ao experimentarem as dificuldades e fragilidades nas práticas de cuidado deste profissional, exerce seu papel de crítico e transgressor dos sistemas instituídos autoritários e percebidos como injustos, de forma criativa. Ele não se conforma ou se paralisa com as dificuldades, enfrenta-as com novas propostas que possam transformar a realidade percebida. O palhaço diz Matraca (2009), “está em todos os lugares denunciando os mandos e desmandos de qualquer regime totalitário”.

Os Palhaços participantes dessa mesa redonda, também denunciavam, mas vão além ao propor outras ações como práticas de cuidado.

“passei a fazer visitas esporádicas no hospital, contando histórias, brincando com os internos e aos poucos descobrindo um lado cômico, palhaça que estava em algum lugar em mim adormecido. (PARTICIPANTE A)”

Eles transformam suas experiências em formas de conhecimento possível de ser compartilhado, Bondiá (2000).

A segunda análise relativa às mudanças com as experiências de palhaçaria, podemos identificar o quanto os participantes reconhecem a sua contribuição nas práticas cotidianas pessoais e como profissionais de saúde seja pela via do pensamento e reflexão, pela liberação de concepções a priori e pelo



desenvolvimento de sensibilidades que interferem e se fazem presentes na forma de se relacionar com o outro. “O palhaço acolhe as fragilidades, incluindo as próprias, o que de certa maneira o protege, como podemos identificar na fala do (PARTICIPANTE B)”; “Com relação aos idosos mais debilitados, para mim é mais fácil interagir como palhaço do que sem a máscara. Esse processo de humanização do cuidado e do cuidador permanece mesmo quando o profissional não está caracterizado e “é aí que palhaço vira coisa séria”. (PARTICIPANTE D). Os processos de transformação pela atuação do palhaço no ambiente também se disseminam e contaminam o próprio palhaço. Abrão e Merhy (2014) ao descreverem as experiências de formação nos trazem a reflexão de que produzir é também produzir-se e transformar-se...

A comunicação do palhaço no ambiente da saúde nosso próximo analisador evidencia o que poderíamos chamar de “efeito deslocamento”. Com o palhaço a comunicação ultrapassa os limites e regras indo a lugares onde o processo de medicalização e comunicação de alguns profissionais de saúde não alcança.

“Compreendo como irreverente aquele que ultrapassa os limites das regras postas, ditas, quebra de protocolos, da dor, aquele que provoca ou tira um paciente do estado de doença para um estado de humano. (PARTICIPANTE A)”.

Ele consegue ter com o paciente no ato de escuta, uma comunicação livre dos processos de médicos e de cuidados hospitalares. Isso tira o paciente por alguns instantes da situação de doente. Seu investimento na comunicação através da brincadeira e do bom humor cria vínculos com o outro às vezes apenas com o olhar assim, e mesmo que temporariamente transforma o ambiente ao investir e contemplar a vida, a saúde com cores, graça e até mesmo prazer.” O ambiente muda. Os sons mudam. Nem que seja por uma fração de tempo. Isso não só são sensações e vivências minhas, mas relatos de muitos. O palhaço faz um paciente esquecer que é paciente. (PARTICIPANTE C)”

Ao considerar a palhaçaria como forma de promoção em saúde, faz necessária a distinção do grupo dos profissionais de saúde que têm na palhaçaria uma ferramenta para o cuidado com o grupo de artistas que visitam as instituições de saúde. Sendo importante que o palhaço que se apresenta em hospitais tenha

uma formação que permita uma compreensão sobre o ambiente, mantendo um bom relacionamento e entrosamento com a equipe clínica. Por outro lado, é importante que a instituição de saúde acolha e seja permeável as (craseado) influências que o palhaço traz consigo, pois “a brincadeira, o bom humor, a escuta e a subversão trazem perspectivas que não são habitualmente presentes quando se fala em instituições de saúde.” (PARTICIPANTE B).

Assim podemos concluir que na perspectiva dos integrantes dessa mesa a comunicação do palhaço é algo contagiante que permite um encontro direto com o paciente nas mais diversas condições modificando o ambiente e as pessoas, intervém de forma significativa na rotina dos serviços e nos pontos de vista dos indivíduos afetados.

A última análise refere-se aos entendimentos da contribuição do palhaço nos lugares de atuação. “O papel ou função do palhaço nas práticas de cuidado ocorre com facilidade e espontaneidade junto aos usuários, entretanto precisa também de certa parceria das instituições, pois como nos fala o (PARTICIPANTE D)”, “Num ambiente onde tudo é obrigatório, o palhaço é opcional, a partir deste momento se percebe que o palhaço está fora da rotina do serviço e o serviço confia em sua competência para dar trânsito livre àquele ser em seus corredores”.

As contribuições do palhaço variam entre um simples sorriso e uma brincadeira agitada dentro de um hospital e o que parece simples é uma arte. “Provocar um paciente em estado de convalescência a rir, interagir, brincar é uma arte. Arte essa que deve ser mais pesquisada por sua relevância no ato de cuidar. (PARTICIPANTE A)” Por exemplo, com os idosos asilados contribui de forma significativa para a promoção da saúde dos idosos, promovendo um encontro com suas memórias e resgatando a valorização à memória a experiência de cada um.

O palhaço tem grande influência por onde ele passa sendo favorecido pelo poder da verdade por trás da carinha pintada de bobo falando suas verdades sem ofender afinal é apenas um palhaço. “O lado crítico do palhaço. O palhaço diante do código citado no item anterior tem a capacidade única de dizer uma verdade na sua cara e tudo bem, ele é só um palhaço, ele é bobo, por que eu vou ficar chateado? (PARTICIPANTE D)”. É o lado cômico do palhaço inserido em situações cotidianas

que torna proveitosas as participações do público já que em cada gargalhada refletimos. “Quanta reflexão fica por trás da impressão de bobagem e da quantidade de gargalhada que foi dada? Bem, estas participações têm sido bem proveitosas em minha atuação como palhaço e é o que eu gostaria de trazer neste item: Trazer de forma cômica a verdade não dita. (PARTICIPANTE D)”

Mas, não é fácil acreditamos, para um sistema de saúde centrado em relações verticalizadas de poder e conhecimento tão arraigados e tradicionalmente construídos no modelo biomédico hegemônico, que privilegia a doença e coloca o paciente no lugar de objeto de estudo e centra sua intervenção nas técnicas acolher e se abrir para esse personagem. O palhaço é “um agente secreto social pronto para a revolução”, nos revela Matraca, 2009. Mas, ele é um herói às avessas que usa como estratégias o riso e a alegria de formas criativas e pode ser encontrado e é facilmente reconhecido, onde o povo está, de vila em vila, de cidade em cidade, de reino em reino. Recorrendo a Nietzsche esse autor nos diz que não há fatos eternos nem verdades absolutas, assim que o Palhaço que ocupa as ruas, circos e cortes também migre para as áreas da saúde, artes e principalmente para a ciências.

## **7- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a investigação prática e teórica sobre o palhaço nas práticas de cuidado concluímos que unir a saúde e o palhaço mobiliza e evoca uma potência que é capaz de gerar mudança transformadora do conceito de saúde, dos profissionais e daqueles a quem eles cuidam.

Foi observado através das experiências compartilhadas pelos entrevistados um desconforto, uma angústia, insatisfação em relação ao cuidado em saúde e que independe da formação profissional já existe um olhar crítico de cada palhaço.

O Palhaço ao estabelecer uma relação de cuidado quando vai de encontro ao outro e promove muito mais que um breve bem estar, abre caminho para os mais diversos sentimentos solidariedade, amor, alegria, empatia, que geram transformação nos envolvidos.

Esse estudo nos sugere que existe algo universal no palhaço, que talvez possa ser explicado pela ideia do mesmo ser um arquétipo. Os participantes da pesquisa têm idade e tempo de palhaçaria diversos, atuam em diferentes regiões com experiências profissionais e culturais diversificadas. Entretanto identificamos que a prática do cuidado é semelhante mostrando que a comunicação, a experiência e a contribuição do palhaço mesmo que exercidas por pessoas e em lugares diferentes segue a mesmo trajeto. Eu me identifico e incluo nesse processo.

Ao iniciar essa pesquisar não fazia ideia da dimensão que o ser palhaço representa, só contava a minha experiência. Ao concluir essa pesquisa percebo o quanto apreendi e quanto ainda quero apreender. Sigo com o desejo de dar continuidade com este estudo, pelo que ele me modificou fazendo-me compreender o quanto é importante a energia do arquétipo do Palhaço que circula em nossas vidas e o quanto ela é vital para o cuidar do outro. E, pela complexidade e possibilidades do tema, difíceis de serem abordadas mais profundamente nos limites de um TCC e nas condições de tempo em que foi realizado.

## 7-REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. **AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA).** *Occupational Therapy Practice. Framework: Domain & Process.* 2nd. The American Journal Occupational Therapy. Nov/Dec 2008, volume 63, n. 6. 625-683. [tradução Daniel

- Gustavo de Sousa Cartelo... et al] Rev. Triang. Ens. Pesq. Ext. Uberaba – MG, v. 3. n. 2, p 57-147, jul/dez, 2010.
2. BOFF, L. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos**. *Inclusão Social*, v. 1, p. 28-35, out/março, 2005.
  3. BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478
  4. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde. Brasília: Ministério da saúde, 2007. 160 p Disponível em <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/caderno\\_educacao\\_popular\\_saude\\_p1.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicações/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf)>. Acesso em 05 de agosto de 2014.
  5. CASTRO, ALICE VIVEIROS DE. **O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo** – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
  6. CIRCO CONTEÚDO. Disponível em:<<http://www.circonteudo.com.br/>>. Acessado em 04 de agosto de 2014.
  7. **Documentário revela a função sagrada do palhaço na tribo indígena krahô**. Disponível em:<<http://www.old.pernambuco.com/ultimas/nota.asp?materia=20120214092115>> Acesso em 04 de agosto de 2014.
  8. **Doutores da Alegria**. Disponível em: <<http://www.doutoresdaalegria.org.br/>>. Acessado em 04 de setembro de 2014.
  9. **Educação popular em saúde: um instrumento para a construção da cidadania**. Disponível em <<http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/128/122>>. Acessado em 04 de agosto de 2014.
  10. **Experimentalismo Brabo**. Disponível em:<<http://ebrabo.wordpress.com/>>. Acesso em 04 de setembro de 2014.
  11. GONÇALVES, J. G. **Cuidado dos pacientes oncológicos em fim de vida: um debate necessário**. 2013. 201p. Dissertação (Mestrado em Clínica Medica) Rio

de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

12. GOMES, M.P.C. MERHY, E.E. Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. – Porto Alegre: **Rede Unida**, 2014. 176 p.: il. - (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde.
13. MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Revista Educação em Perspectiva** v. 2, n. 2, (2012).
14. MATRACA, MVC, Wimmer G, Araújo-jorge TDC. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. Dialogy of Laughter: a new concept introducing joy for health promotion based on dialogue, laughter. **Ciênc. Saúde coletiva** [on line]. 2011;16 (10):4127-38.
15. RAMALHO. Cybele. Resgatando o arquétipo do palhaço no psicodrama. In: **Revista Psicologia em foco**. Vol II, Aracaju, Associação de Ensino e Cultura PIO X, 2009.

## **ANEXO-A- QUESTIONARIOS RESPONDIDOS**

Participante: A

Palhaço: 1

Data de nascimento 12 /10/72 Cidade: Barueri

Há quanto tempo atuar como palhaço: 10 anos

### **Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?**

Surgiu em 1995, quando meu filho ficou internado por 45(quarenta e cinco dias) no Instituto da Criança (ICR) hospital das clínicas em São Paulo. Foram dias tensos, num lugar que mais parecia um cubo de gelo, por mais que fosse um lugar de cuidado, não oferecia mais que os cuidados meramente hospitalares, o que faz jus ao nome que dão a quem está internados “Paciente”, e realmente haja paciência! Aquela situação me provocava a pensar em possibilidades de fazer algo para quebrar aquele cubo de gelo, trazer cor, alegria para aquele e outros lugares onde se exija “Paciência”. Depois que meu filho teve alta, passei a fazer visitas esporádicas no hospital, contando histórias, brincando com os internos e aos poucos descobrindo um lado cômico, palhaça que estava em algum lugar em mim adormecido. Foi em 2001, com a criação de uma brinquedoteca no Pronto Socorro Municipal na cidade de Barueri – SP, que nasceu a Dra Borboleta e a dra Maluquinha. Foi um encontro mágico que me trouxe a outra esfera de conhecimento. Surgia com toda força as minhas palhaças, porém prevaleceu a dra Borboleta.

### **Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?**

Sim. Foram experiências provocadoras, me faziam e fazem pensar e repensar minhas práticas cotidianas como profissional de saúde e como gente. No meu ponto de vista meu discurso, minha prática e minha militância por uma saúde humanizada estão atrelados uma a outra. Quando digo uma saúde humanizada me remeto a importância de ter um olhar desfragmentado, como se tivesse uma lupa nos olhos, e

um megafone nos ouvido. Aprendi como palhaça a exercitar o ouvido para a escuta e a olhar o que não está a mostra, mas entre linhas.

### **Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?**

Compreendo como irreverente, aquele que ultrapassa os limites das regras postas, ditas, a quebra de protocolos, da dor, aquele que provoca ou tira um paciente do estado de doença para um estado de humano, o paciente não é a doença, o paciente é um todo com suas subjetividades e necessidades. O palhaço alcança um lugar onde o processo de medicalização e comunicação de alguns profissionais de saúde não alcança. O palhaço trás ao ambiente da saúde cores, graça e posso afirmar que até mesmo prazer. O palhaço no ambiente hospitalar não se apresenta de qualquer maneira, se faz necessário esclarecer que exige muita dedicação, cursos que aprimorem a compreensão desse ambiente, como também o entrosamento com a equipe clinica. No meu caso aprendi a linguagem clinica e por vezes era ouvida por toda equipe clinica, principalmente os médicos.

### **Com sua experiência na palhaçaria descreva com você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?**

São contribuições simples, tira o paciente do estado de doente para o estado de gente com desejos, vontades e necessidades de brincar, rir e dar continuidade na sua vida cotidiana. As pessoas não vão deixar de ser gente por que está num ambiente hospitalar. Estão doentes, não é a doença! Quando a palhaça chega acontece uma espécie de magia, de transformação, de curiosidade. Provocar um paciente em estado de convalescência a rir, interagir, brincar é uma arte. Arte essa que deve ser mais pesquisada por sua relevância no ato de cuidar.



Participante: B

Palhaço 2

Data de nascimento 06/02/1980 Cidade: Niterói-RJ

Há quanto tempo atuar como palhaço: 4 anos

### **Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?**

Apesar de ser fã do circo, a minha história com palhaçaria totalmente por acaso e para atuar em um problema que a princípio nada tem a ver com a arte. Eu realizava eventos para idosos asilados no Abrigo do Cristo Redentor de São Gonçalo. Fazíamos serestas e arrecadávamos doações. Esses eventos aconteceram entre 2002 e 2007. Damos à iniciativa o nome de LANX, porque sempre oferecíamos um lanche para os idosos durante o show musical. Antes de organizar estes eventos, eu já fazia visitas regulares aos idosos da casa, sozinho, ou acompanhado por amigos. Sempre achei o asilo um lugar muito triste e sempre me incomodou muito o fato de diversos grupos de visitantes, apesar da visível boa vontade, não propiciar uma mudança naquele clima pesado. Eu sempre quis fazer algo para amenizar a angústia daquele lugar. Após muitos meses fazendo visitas, decidi organizar estes eventos, que sempre foram muito bacanas. Porém, apesar dos idosos sempre gostarem muito, tanto do lanche, quanto da música, eu percebi aos poucos que ainda não tinha atingido o ponto onde gostaria de chegar.

Na semana em que eu realizaria uma dessas serestas, conheci um grupo de jovens que estava formando um grupo para visitar orfanatos usando a figura do palhaço. Nenhum deles tinha conhecimento técnico da arte da palhaçaria. Eu os convidei para participar da seresta e eles aceitaram. No dia do evento, cerca de 30 jovens estiveram presente, dos quais, creio que aproximadamente 10 se vestiram de palhaço. Quando eu vi a interação dos idosos com os jovens vestidos de palhaço, eu disse pra mim mesmo: “é nesse ponto que eu sempre quis chegar”. Desde então, passei a estudar a arte da palhaçaria, me juntei ao grupo e com eles permaneci de 2008 até 2011.

**Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?**

No meu caso, organizo visitas e atividades culturais em instituição de longa permanência para idosos e em favelas. Com relação aos idosos mais debilitados, para mim é mais fácil interagir como palhaço do que sem a máscara.

**Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?**

A brincadeira, o bom humor, a escuta e a subversão trazem perspectivas que não são habitualmente presentes quando se fala em instituições de saúde. O palhaço permite entrar nesse universo, oferecendo infinitas possibilidades, como diz Selenamcmahan (<http://selenamcmahan.blogspot.com.br/>). Há relatos de experiência que mostram que muitas vezes o palhaço consegue se comunicar melhor do que o profissional de saúde com determinados tipos de paciente. A interação do palhaço oferece um leque muito vasto, que deve ser bem delimitado a partir da proposta do trabalho. Vamos comentar alguns exemplos.

Nos campos da educação e/ou da comunicação em saúde, há pelo menos 100 anos a arte da palhaçaria é utilizada para tornar mais amigável a informação científica e tecnológica em saúde para determinados tipos específicos de público.

Outra perspectiva é a dos profissionais de saúde que estudam e praticam a arte da palhaçaria num viés de promoção da saúde, como o famoso médico Patch Adams. Muitos enfermeiros, psicólogos e outros profissionais também fazem este trabalho hoje em dia. É diferente dos grupos de palhaços visitantes, que são artistas que realizam visitas/intervenções em instituições de saúde, como os Doutores da Alegria. Cada tipo de trabalho irá exigir uma palhaçaria diferente, com uma proposta diferente de atuação.

**Com sua experiência na palhaçaria descreva com você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?**

Asilo e favela têm mostrado bastantes aspectos em comum, o que nos tem permitido desenhar um trabalho bastante parecido para a atuação nestes dois espaços. As necessidades de escuta e por incrível que pareça, de carinho, são bastante parecidas. O meu grupo começou a atuar em favela há pouco tempo, e apesar de já identificarmos algumas semelhanças com o asilo, creio que seria leviano de minha parte falar aqui sobre as especificidades da favela. Falarei então sobre a atuação do palhaço no asilo.

Eu vejo que a atuação do palhaço pode muito mais do que simplesmente distrair o idoso por alguns momentos. O palhaço deve provocar o idoso a repensar sua condição asilar, e o primeiro passo para fazer isso é tratá-lo como um ser único e expressivo. Valorizar sua memória e identidade e brincar com isso de maneira singular com cada idoso. Esta é a diferença do palhaço para um programa de televisão, ou mesmo para alguma pessoa “engraçada”, que faça o idoso rir por alguns instantes. O palhaço não está no asilo para fazer os idosos sorrirem, as possibilidades vão pra muito além do riso.

Participante: C

Palhaço: 3

Data de nascimento: 11/03/1991 Cidade: Patos - PB

Há quanto tempo atuar como palhaço: 03 anos

**Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?**

Ao me deparar com a falta de humanização dos próprios profissionais da saúde, sejam médicos, enfermeiros, odontólogos, fisioterapeutas, entre outros profissionais, fiquei extremamente preocupado. Achava e ainda acho que o "sistema" corrompe as pessoas, fazendo com que, vejam os indivíduos, em estado de adoecimento, como um ser inerte, onde só o que importa é o processo patológico que está acometendo-o, deixando de lado todo seu contexto biopsicossocial. Simplesmente encontrei uma segunda via de um processo de formação, que durante toda permanência, de nós acadêmicos, dentro da instituição, estudamos maciçamente os processos patológicos, sem se importar com o paciente de maneira geral. O PalhaSUS foi e é uma forma de me tornar um profissional com uma visão mais holística; mais humana.

**Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?**

Claro. Me fez um profissional mais sensível ao querer do outro. Há tratar não só o patológico, mas também o emocional; o social. Vejo todos como um ser que está fragilizado, que possuem uma condição socioeconômica, está inserido em uma sociedade que o desfavorece, entre outras condições.

**Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?**

O lúdico; o divertido influencia no retardo de um processo que pode e será acelerado pelo ambiente onde o indivíduo está exposto. Fazendo uma experiência: Feche os

olhos em um ambiente hospitalar. Sinta e deixe se envolver pelos sons. Em poucos minutos você começa a definhar, mesmo estando saudável. Começa a se sentir mal; fragilizado. Ao passar de uma trupe. Faça a mesma experiência. O ambiente muda. Os sons mudam. Nem que seja por uma pequena fração de tempo. Isso não só são sensações e vivências minhas, mas relatos de muitos. O palhaço faz um paciente esquecer que é paciente.

**Com sua experiência na palhaçaria descreva com você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?**

Contribui para a melhora do quadro clínico; O desenvolvimento de vínculos perdidos; O deixar ser importante para o outro; O se permitir fazer o outro feliz; O alívio de profissionais e paciente de toda a pressão, que o próprio ambiente emana;

Participante: D

Palhaço 4

Data de nascimento: 13/07/1988 Cidade: João Pessoa

Há quanto tempo atuar como palhaço: 1 ano e meio

### **Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?**

Meu interesse começou a surgir a partir do momento que identifiquei ser insuficiente ou insatisfatório, não sei dizer, as técnicas duras que aprendi durante meu desenvolvimento profissional para lidar com os mais diversos aspectos do serviço público. Durante esta trajetória de auto aprimoramento, tive contato com a Educação Popular enquanto forma de luta contra a marginalização do homem. Este elemento trouxe a mim muitas compreensões, que considero hoje, essenciais nas dinâmicas de meu trabalho, juntamente com as ideologias com o qual atuo. Foi neste período que tive oportunidade, pela primeira vez, de conhecer atores e atrizes deste cenário que só podiam certamente ser loucos de usar uma linguagem cênica completamente irreverente em um trabalho tão sério quanto o cuidar. Durante esta relação, por mais de 2 anos observei este trabalho de perto até que concluí que era isto. É isto que estava faltando em mim também.

### **Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?**

Muitas. Na verdade, o palhaço é como uma simbiose entre o homem real, aquele duramente modificado pelo meio social sacana em que se estabelece, e o homem fantástico, aquele palhaço que nasce modelado de nossos sonhos de criança que foram estilhaçados ou esquecidos, sonhos que nos dizem que há uma forma que tudo seja diferente, alegre e colorido. Esta relação mutuamente vantajosa nos leva permitir que cada parte seja cada vez mais parecida uma com a outra. Bruno vai se tornando Bixiguento, pouco a pouco mais criativo, intrépido e de pensamento afiado, enquanto Bixiguento também se encharca de realidade e é colocado a prova sobre como transformar o concreto a partir de abstrações tão fantasiadas. É engraçado que as vezes se torna confuso identificar que linguagem se utiliza em determinada

situação, você encontra um paciente que no dia anterior o palhaço pintou e bordou, porém hoje você está de jaleco, de branco, descolorido. E aí? Sua conduta muda meramente pela casca que você veste? Acho que não. O palhaço se torna coisa séria a partir do momento que passa pela simbiose com seu homem real, então não dá pra brincar de ser humanizado na enfermaria hoje, mas deixar sua humanidade em casa no plantão amanhã. Ao mesmo tempo, ele torna o trabalho sério uma arte.

### **Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?**

Bem, o palhaço é um código de linguagem cênica. Tudo nele, desde sua roupa escandalosa à suas reações exacerbadas, é um código que diz que ele é diferente. O que estes códigos transmitem para um paciente? Muitas coisa: primeiramente você desveste seu lado humano, que pode ser visto por aquele que se encontra num estado vulnerável como um estranho que cumpre uma função sem qualquer emoção particular que não seja a frequente cultura de juízo de valores morais. O que ele vê no lugar, varia de paciente para paciente, e são os primeiros instantes de contato fundamentais para identificar como será sua interação com aquele indivíduo. Pois inclusive, um dos elementos que o paciente deve identificar na linguagem no palhaço é a eficácia de dizer 'não' e o palhaço respeitar esta atitude. Num ambiente onde tudo é obrigatório, o palhaço é opcional, a partir deste momento se percebe que o palhaço está fora da rotina do serviço e o serviço confia em sua competência para dar trânsito livre àquele ser em seus corredores. Então, muitas vezes em um ambiente como uma instituição de longa permanência de idosos, por exemplo, onde todos os dias parecem iguais uns aos outros, o palhaço está alí para dizer 'hoje não, hoje vai ser diferente porque eu estou aqui com você'; Numa situação de vulnerabilidade, vem aquela figura, aquele louco falar bobagens e fazer você 'rir para não chorar', transformar de 'seria cômico se não fosse trágico' para 'seria trágico se não fosse cômico'; Numa relação onde tem aquele indivíduo desajeitado que só faz besteira e está alí para provar que é muito mais bobo do que você pode julgar a si mesmo e no entanto tá tudo bem, que bobagem, vamos sorrir e gargalhar; Todas estas e outras situações provam, empiricamente, que o palhaço faz uma diferença enorme não só na saúde, mas em qualquer ambiente de interação social que você possa imaginar.

**Com sua experiência na palhaçaria descreva com você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?**

Vou limitar-me a elencar a principal contribuição em que enxergo enquanto palhaço que atua em comunidades e favelas: O lado crítico do palhaço. O palhaço diante do código citado no item anterior, tem a capacidade única de dizer uma verdade na sua cara e tudo bem, ele é só um palhaço, ele é bobo, por que eu vou ficar chateado?

Imagine por exemplo, que uma trupe de palhaços que atuam em uma comunidade seja convidada para participar em uma reunião da equipe de saúde. Estes palhaços possuem a atenção daqueles que multiplicam o cuidado num centro populacional extremamente vulnerável. O que fazer com este tempo? Imagine que todas as pessoas ali presentes esperem que você vá lá e façam coisas engraçadas, e você vai fazer afinal você é um palhaço. Mas isto não é só, imagine que com uma esquete, personalizando as figuras ali presentes você faça com que os agentes comunitários riem de médicos que são igual turistas em suas micro áreas, o que temos presente aqui? Agentes comunitários que são “hierarquicamente inferiores” aos médicos, com suas gargalhadas, manifestam aquilo que sempre quiseram falar, mas foram oprimidos profissionalmente de assim o fazer. Imagine que nesta mesma situação, os palhaços criticam também os agentes comunitários, pois são moradores da própria comunidade, mas não querem ter trabalho ao promover um conselho local de saúde e dar voz à seu próprio povo, os agentes comunitários que há pouco gargalhavam agora aproveitam o embalo para rir de si mesmos. E não para por aí, imagine que todos riem uns dos outros, pois os palhaços são bobos e estão ali fazendo “macacadas” só para divertir mesmo, todos pensam: bem, o que eles falaram é meio que verdade, mas quem liga para palhaços de qualquer forma? Uma vez que eles foram convidados para ficarem todos terão de sentar para dar seguimento à reunião, aí então que os palhaços em seu momento final comparam aquela reunião a um picadeiro e, num ritmo de piada, dizem que se sentem bastante a vontade e vão ficar por ali em família.

Logicamente tudo isto deve ser realizado com responsabilidade. Tantas críticas assim são definitivamente mais coerentes quando a trupe tem liberdade com a equipe em questão. O momento também deve ser analisado para não agravar ainda mais atritos que estão agudos recentemente. Contando com tudo isso, o que temos



com esta situação? Quanta reflexão fica por trás da impressão de bobagem e da quantidade de gargalhada que foi dada? Bem, estas participações têm sido bem proveitosas em minha atuação como palhaço e é o que eu gostaria de trazer neste item: Trazer de forma cômica a verdade não dita.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO  
UTILIZADO COM OS PARTICIPANTES.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**QUESTIONARIO SEMIESTRUTURADO**

Participante: \_\_\_\_\_

Nome do palhaço: \_\_\_\_\_

Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo atuar como palhaço: \_\_\_\_\_

As narrativas devem ser descritas norteadas pelo questionário semiestruturado.

Como surgiu seu interesse pela palhaçaria?

Na sua experiência como palhaço, você identifica alguma mudança na sua maneira de agir e na forma de exercer o cuidado?

Como você compreende a comunicação do palhaço no ambiente da saúde?

Com sua experiência na palhaçaria descreva com você vê a contribuição do palhaço nos locais em que você atua?

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa tem como foco estudar como as pessoas relatam sua experiência de tornar-se palhaço e a influencia na relação de cuidado tomando como cenário o desempenho ocupacional dos profissionais que atuam em hospitais, instituições ou abrigos como palhaço, está sendo desenvolvida pela pesquisadora Natália Luiza Matos de Sousa estudante do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Carmen Teresa Costa. O objetivo desse estudo é compreender como o torna-se palhaço interfere na própria percepção que as pessoas têm de si e do cuidado.

Este trabalho tem com finalidade contribuir para novas pesquisas dentro do contexto do papel do palhaço cuidador nas intervenções terapêuticas dentro das instituições, sendo os dados utilizados para ampliar a visão dos profissionais de saúde em relação ao desempenho ocupacional das pessoas que participam de forma atuante nesse contexto.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma rede de conversas por meio dos relatos de experiências, autorizando a apresentação dos resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Garantindo que seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. O Sr.(a) poderá se sentir desconfortável ou constrangida em relatar algo de sua experiência, caso não goste da proposta exposta, o pesquisador não persistirá na sua participação.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do

estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

ou Responsável Legal

Espaço para impressão datiloscopia

---

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para pesquisadora: Carmen Teresa Costa.

Endereço: Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária, Departamento de Terapia Ocupacional- 1º andar. Telefone: 83-9613-8448/ E-mail: carmentcs@hotmail.com ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da  
Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º  
Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

( (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável